

AS CATEGORIAS ESPACIAIS DA CONSTRUÇÃO GEOGRÁFICA DAS SOCIEDADES

Ruy Moreira
Universidade Federal Fluminense

A construção (estrutura, organização e movimentos) geográfica de uma sociedade é o resultado das práticas espaciais (LACOSTE, 1988)¹. São as práticas espaciais que constroem a sociedade espacialmente e criam a dialética de determinação que ao mesmo tempo que faz da sociedade o seu espaço faz do espaço a sua sociedade (SANTOS, 1978).

As práticas espaciais são ações que têm por base o binômio localização-distribuição, uma relação contraditória, analisada em texto anterior (MOREIRA, 1997). É o binômio localização-distribuição que garante o caráter geográfico da configuração do espaço que as práticas espaciais dão à sociedade por meio delas construída.

A ação das práticas espaciais é acumulativa em sua sincronia e diacronia. E o seu resultado é a geograficidade, termo igualmente usado por Lacoste (LACOSTE, 1989)², que entendemos como o modo de existência espacial que qualifica o homem como ser-no-mundo, tema que foge ao escopo deste texto.

Três fases sequenciam-se nesse processo: da montagem, relacionada à prática da seletividade; do desenvolvimento, relacionada às práticas da tecnificação, diversidade, unidade, tensão (localização x distribuição), negatividade (unidade x diversidade, homogenia x heterogenia, identidade x diferença), hegemonia, recortamento, escala e reprodutibilidade; e do desdobramento, relacionada às práticas da mobilidade, compressão, urbanização, fluidificação, hibridismo e sócio-densificação. Um processo que se reinicia pelo movimento permanente de reestruturação.

A fase da montagem é a das primeiras localizações e conseqüente instituição do sistema de distribuição dos lugares que leva ao surgimento da extensão, reunindo num só ato três das categorias básicas - localização, distribuição e extensão – da ação geográfica, tudo orientado na prática da seletividade e da tecnificação que a esta serve de suporte.

A fase do desenvolvimento é a do erguimento de uma estrutura espacial sucessivamente mais densa, que culmina na constituição mais completa do *habitat* e da sociedade assim organizada.

A fase do desdobramento, por fim, é a do movimento da estrutura já constituída, em busca da reestruturação que reinventa permanentemente a sociedade organizada.

A interação entre as práticas espaciais é o dado dinâmico. As práticas agem combinadas e em simultâneo em cada uma dessas fases. O centro dinâmico é a tecnificação, prática espacial que está presente em todas as outras, redefinindo ontologicamente o espaço ao longo de sua

¹Termo usado por Lacoste, e cujo modo de entendimento aqui arbitramos. Vide ainda Lobato (1995).

²Em analogia ao conceito de historicidade.

construção numa recriação permanente. As metamorfoses do arranjo da paisagem correm por conta das trocas dos cheios e vazios da distribuição seletiva promovidas por essas revoluções da técnica, reativando em caráter constante a ação da seletividade. A ação das demais práticas aprofunda e completa a dinâmica deste quadro, interagindo e movendo-se com e dentro dele, ao cabo do que, reestrutura-se o espaço.

Tomamos por princípio que as práticas geográficas são categorias do empírico. Como tais, são as mediações que fazem da compreensão do espaço a compreensão da sociedade, e da teoria do espaço uma teoria da sociedade, e vice-versa. Face ao que estão elas implícitas na obras dos clássicos (alguns dos quais referenciam este texto, originalmente um capítulo, reescrito para o fim desta publicação, da tese de doutoramento *(Espaço, Corpo do Tempo)*, servindo este texto para explicitá-las, para tanto emprestando a sua voz.

O propósito deste texto é compor um roteiro de método em geografia, capaz de nortear um trabalho de análise, seja de uma obra clássica e seja de uma paisagem seja de montagem de um texto e seja de uma pesquisa de campo. Seu fundamento é a combinação do método histórico (método de investigação) e método lógico (método de exposição), de Marx (1974), dois momentos imbricados num mesmo processo, por isso denominado de ordinário método lógico-histórico, genético-estrutural e progressivo-regressivo (SARTRE, 1967), que analisaremos noutro texto.

A seletividade

A organização espacial da sociedade começa com a seletividade.

Espécie de ponte entre a história natural e história social do meio, a seletividade é o processo de eleição do lugar e do(s) respectivo(s) recurso(s) que inicia a montagem da estrutura espacial das sociedades.

A seletividade é uma expressão direta e combinada dos princípios da localização e da distribuição. Por meio da localização, elege-se a melhor possibilidade de fixação locacional das espécies de plantas e animais triadas pela seletividade. Por meio da distribuição, elege-se a configuração de lugares que melhor diversifique este espaço.

A seletividade se orienta por um processo de ensaio e erro, no decurso do qual, sucessivamente, a sociedade se ambientaliza, se territorializa e assim se enraiza culturalmente (MOREIRA, 1997). Experimenta-se a sedentarização em diferentes lugares, cada lugar atuando como uma “área laboratório” (LA BLACHE, 1954:84), geralmente escolhida entre os lugares montanhosos, mais secos e menos abundantes em recursos, porém mais abrigados da ameaça de animais de maior porte, migrando o grupo humano entre uma área e outra até que se incline por um lugar permanente.

A fixação definitiva marca o surgimento da civilização:

A conquista de vastas superfícies não se fez na China em grandes saltos — como pôde ser feita, no nosso tempo, nos Estados Unidos —, mas passo a passo, cuidadosamente, conforme o gênio escrupuloso e os hábitos atávicos da raça. E sensível uma progressão gradual, seguindo os cursos de água na direção em que, cada vez mais, se rasgam os horizontes e se afastam as montanhas. Um céu menos avaro de chuvas, um solo, em que a terra amarela se esboroa e se dispersa em aluviões, acolhe no Ho-nan, província intermédia entre as duas regiões da China, Cata e Manzi, os imigrantes vindos do oeste ou do norte (LA BLACHE, 1954:98).

As espécies de plantas e animais aproveitados do meio nesse processo evoluem no tempo no sentido de uma redução crescente do elenco. Calculadas em 140 ou 150 mil, só cerca de 300 espécies vegetais e 200 espécies do reino animal foram aproveitadas:

Daí, que o conjunto das espécies domesticadas, ao invés de aumentar durante a época histórica, haja mostrado a tendência a diminuir. Representa só uma exígua parte das espécies conhecidas... a ação do homem tem-se orientado menos para a multiplicação dos tipos específicos que para as diversidades - ou raças - dentro de um mesmo tipo (SORRE, 1967: 57-58).

A causa é a lógica que preside a seletividade, desde a Antiguidade:

1) substituir as associações naturais por associações vegetais ou animais suscetíveis de fornecer um número elevado de calorías ao homem; 2) aumentar a produtividade geral, agindo sobre os fatores que a limitam (CLAVAL, 1987:49)

Nas fases primitivas da coleta-caça-pesca, não há ainda propriamente prática seletiva. É com o nascimento da agricultura, quando a prática da transformação das paisagens naturais em paisagens humanizadas torna-se a base da constituição dos modos de vida, que a seletividade começa. A seletividade surge então como um processo de transformação que converte as associações naturais nas associações domesticadas num complexo alimentar, definido por Sorre como o “conjunto dos alimentos e preparos nutritivos graças aos quais um grupo humano mantém sua existência ao longo de um ano” (SORRE, 1967: 31).

Nas sociedades modernas, a seletividade ganha outro sentido. Governado pela lógica do mercado, a seletividade é transformada numa prática de ocupação especializada e fragmentária do espaço, orientada pela e para a divisão territorial do trabalho e o aumento contínuo da produtividade. O interesse da troca converte-a num mecanismo de descarte de tal modo generalizado das espécies, que reduz ecossistemas inteiros a alguns resíduos, quando não os elimina de todo com o assentamento de espécies trazidas de fora e sem nenhum vínculo originário com o meio ambiente local. E, desse modo, numa atividade desambientalizante, desterritorializante desenraizante.

O resultado da seletividade são os cheios e vazios do *habitat*, isto é, o todo das casas, caminhos, atividades econômicas e áreas sem ocupação (BRUNHES, 1962) variando a forma e conteúdo do *habitat* de acordo com o tempo histórico.

A tecnificação

A técnica é o instrumento de escolha da ação seletiva.

A técnica provém do processo da ambientalização, territorialização e enraizamento cultural promovido pela seletividade, com o qual ao mesmo tempo mantém uma relação de interioridade e autonomia, de modo a melhor servir-lhe de mediação.

Daí que também a técnica é um complexo, um complexo técnico (SORRE, 1967). Caracterizam-na o pertencimento ao universo ambiental criado pelo processo seletivo (a enxada e o arado, por exemplo, fazem um todo com o arroz e as aves no complexo rizícola das áreas rurais do Sudeste Asiático; por sua vez, o trator faz um todo com as culturas especializadas do complexo da agricultura industrial moderna) e a intencionalidade humana que preside seu movimento em função da qual é ela inserida na ação que (des)ambientaliza, (des)territorializa e (des)senraiza as sociedades. segundo a natureza do processo seletivo.

Construindo e ao mesmo tempo destruindo o meio ambiente através da seletividade a sociedade humana, desse modo:

...corrige seus defeitos, utiliza suas qualidades para obter o máximo rendimento em produtos destinados a satisfazer suas necessidades, valendo-se de técnicas cada dia ,mais aperfeiçoadas (BRUNHES. 1962:68).

A história da técnica é a história dos espaços, e vice-versa. Uma história de enraizamento cultural territorial-ambiental, que começa com a descoberta do fogo e culmina na moderna criação da informática (RECLUS, s/d; SANTOS, 1996)

A história do espaço agrário é a história da técnica agrícola. Usado como técnica, o fogo instrumenta os primeiros ordenamentos espaciais através da agricultura, uma forma de prática seletiva que tecnicamente confunde-se no tempo com o pau escavador, a transformação deste na pá e por seu turno da pá na enxada dos complexos espaciais antigos, até que, por fim, desemboca na mecanização e motorização que modelam a cara do ordenamento rural dos espaços agrários de hoje.

A história do espaço urbano é a história da técnica urbana, comercial, primeiro, industrial, a seguir, e por fim dos serviços. A cidade nasce ligada ao surgimento do excedente rural, dentro do ordenamento espacial da primeira revolução agrícola. Desde então, cada marco de ruptura técnica é uma ruptura na forma e estrutura do espaço da cidade, rearrumando as feições de sua paisagem. A revolução mercantil dá-lhe o rosto do mercado; a revolução industrial dá-lhe uma cara industrial; e, por fim a preponderância dos serviços, que vem com a terceira revolução industrial, sua atual feição terciária.

A história do espaço de conjunto, por fim, é a história da técnica da circulação. Na medida que esta se desenvolve, a relação entre as áreas, até então dissociadas, se estabelece, se espraia e se torna mais densa, mudando a escala dos espaços. O transporte ferroviário e o marítimo, que se alimentam da energia do carvão advinda da primeira revolução industrial, promovem um primeiro impacto transfigurativo na escala das relações entre as áreas, unificando-as na unidade do espaço regional homogêneo. O transporte rodoviário e o aeroviário, que se desenvolvem com o advento da energia da eletricidade e do petróleo, promovem um segundo momento, este mais radical, de integração dos espaços na unidade hierárquica das regiões polarizadas.

Através da seletividade o espaço impregna-se de um conteúdo técnico, numa intensidade crescente. Daí que cada era de espaço é uma era técnica. A paisagem do ordenamento do espaço muda com a mudança da técnica. E são os elementos do complexo técnico, seus acúmulos e progresso, o que vemos na fisionomia e arranjo das paisagens de cada época e civilização (SANTOS, 1994 e 1996; MOREIRA, 2000).

A diversidade

Obra da seletividade, o espaço nasce diverso. A variedade hídrica, topográfica, do solo, da flora e da fauna, das casas, das culturas e dos caminhos, orienta a seletividade no sentido da diversidade. E esse sentido da diversidade que conduz o processo do povoamento dos espaços para a multiplicação dos gêneros e modos de vida, orientando-o “à maneira das abelhas” e não da expansão de uma mancha de óleo:

Quando a colméia está repleta, os enxames saem dela: é a história de todos os tempos... o excedente de população não busca transbordar para os espaços vazios que existam na vizinhança, mas para grandes distâncias, à procura de um meio análogo àquele que fora constrangido a deixar (LA BLACHE, 1954:83).

Nos períodos mais antigos, a diversidade manifesta-se na forma dos gêneros de vida resultantes do casamento do homem com os ecossistemas costeiros, florestais e de savanas, a pesca, a coleta e a caça, respectivamente. Com a descoberta do fogo e o surgimento da agricultura, levando os homens a se dispersarem e se adensarem, o leque da diversidade dos espaços aumenta. A diversidade natural é multiplicada agora pela diversidade da criação cultural do homem.

Nos períodos modernos, a diversidade manifesta-se na forma das estruturas monistas e em divórcio com os ecossistemas, estabelecida pela ‘lógica especialista do mercado, seletividade e gêneros e modos de vida distanciando-se do meio ambiente radicalmente.

A unidade

Mas também nasce uno. A unidade é intrínseca aos intercâmbios, às relações de troca, à ação conjugada do trabalho de transformação dos espaços. A unidade é função do símbolo e do valor.

O símbolo pode vir de diversas origens e natureza. Pode vir da relação ambiental:

Onde a água é o recurso central e fator de aglutinação, a unidade dos homens tem por base as regras do uso:

A adaptação da água a culturas regulares, multiplicando-se e sucedendo-se a curtos intervalos, contribuiu para concentrar os homens, da mesma forma que, primitivamente, o uso do fogo lhes tinha facilitado a dispersão por quase todas as partes da Terra (LA BLACHE, 1954: 81).

Vezes há em que a fonte do elemento simbólico é a vegetação, como no exemplo da formação espacial européia:

O fenômeno que acumulou nesta península do velho mundo a massa principal da humanidade, apresenta uma evolução mais complexa do que as outras cuja descrição já procuramos fazer: O fato inicial, entretanto, parece ser, aqui como noutras partes, a abundância de recursos vegetais próprios para a alimentação do homem (LA BLACHE, 1954: 151).

Outras vezes, esse papel cabe ao sítio:

A primitiva Suíça tomou conhecimento de si mesma e formou-se pela coalizão dos cantões florestais..., porque o lago que, precisamente, se denomina Lago dos Quatro Cantões, constituía a encruzilhada, ou melhor; a grande praça pública de comunicação, de trocas e de ligações políticas, entre os três vales da alta montanha cujos cursos convergiam para a mesma massa líquida... Foi, portanto, o lago que ligou, de modo natural, os interesses da montanha aos do planalto molássico (BRUNHES, 1962: 412).

Pode ser ainda a interligação flúvio-marinha:

A ligação do Hudson, dos Grandes Lagos com as pradarias, decidiu o futuro dos Estados Unidos... Nas margens do Atlântico, a grande massa da África Ocidental, da embocadura do Senegal à do Níger; volta-se cada vez mais para o mar; à medida que as vias de penetração convergentes, trazem o tráfego do interior: Um Congo tomou lugar entre os Estados. Uma Amazônia começa a desenhar-se (LA BLACHE, 1954: 349).

É comum o símbolo vir direto das construções humanas:

Pode vir da relação perceptiva do homem com o meio. A configuração paisagem entre os povos antigos revela como o ‘jogo dos significados é modelado pelos mitos e as invenções da cultura’. O europeu do centro vê o sul como o *país dos frutos, a terra das plantações*, enquanto o do sul vê o centro como o *país das florestas, a terra das sementeiras* (LA BLACHE, 1954: 152). Os habitantes do sul vêem a terra limitada à árvore plantada, enquanto os nômades do Fang a vêem como a encarnação da ancestralidade, e por isso entre esses povos o solo não é propriedade de ninguém (BRUNHES, 1962: 398). Emprestando sentido a “esta misteriosa operação que faz brotar a vida da morte, a germinação da semente”, o homem antigo entende que “tudo se move em um ambiente sagrado e até a divisão dos cuidados da criação do gado e da agricultura se baseia num conceito religioso de fecundidade”, e assim faz da terra um bem clânico, “de direito

absoluto, inalienável e imprescindível cuja propriedade não se vende, mas sim a posse” (SORRE, 1967: 69).

Ou vir das relações do poder político, em particular as que, a partir do Renascimento, interligam Estado e nação, o Estado aparecendo como o símbolo que dá unidade à nação, constituindo o Estado Nacional:

A permanência de um grupo em um território supõe a intervenção de uma potência de concentração, de uma força de coalescência, que pode ser o produto da vontade de um homem, de uma dinastia, de um partido; pode ser engendrada pela convergência das vontades livres de todo um povo - de uma nação -, com termos médios entre as duas séries. Em todos esses casos, essa força se expressa por um conjunto de instituições que lhe dão a sua forma: o Estado (SORRE, 1962:188).

Pode vir, ainda, do crescente papel da cidade. Desde a Antiguidade, é a cidade difunde o poder do Estado, emprestando seu símbolo como o símbolo de referência da unidade política do espaço. Com a expansão das trocas, o poder simbólico da cidade ganha maior importância. A cidade faz-se um “ente geográfico por excelência com os meios de transporte e comunicação” (SORRE, 1967) e leva a unidade territorial do Estado para além da linha do horizonte. Quanto mais expansiva a rede da cidade e da circulação, mais longe a cidade faz chegar o braço do Estado. Até que, com o desenvolvimento dos meios de circulação modernos, a cidade ganha imagem própria, centrada na força, sucessivamente, do comércio, da indústria e dos serviços urbanos.

Mas é o valor que, entretanto, vem aparecendo, agindo por intermédio dos símbolos da política, da cidade e da técnica. Progressivamente, por meio de suas próprias formas, a moeda, a partir do Renascimento, a idéia do progresso, com o advento da revolução industrial (MOREIRA, 1998 e 1999; HARVEY, 1990).

Estabelece-se, assim, uma relação do valor com o símbolo no âmbito do movimento da configuração da unidade que no geral significa a subordinação e uma cumplicidade deste com aquele, o valor costurando a unidade do espaço no seu plano objetivo e o símbolo sedimentando e emprestando sentido à unidade construída, através do imaginário.

Veículo do valor, por isso mesmo é a razão técnica um imaginário que simboliza o poder do homem como a força que unifica e totaliza o espaço universal na modernidade:

No mundo dos mares, como no dos ares, as conquistas do espírito e as aplicações práticas a que deram lugar são os mais altos símbolos da grandeza do homem. É por elas que ele se torna verdadeiramente cidadão do mundo (LA BLACHE, 1954: 380).

A tensão

O espaço é, pois, tensão. Tensão estrutural (MOREIRA, 1997), originária das oposições criadas pelos princípios da localização e distribuição no ato da seletividade.

Referido a um ponto do território, o princípio da localização significa o olhar da centralidade. Referido a uma multiplicidade de pontos, o princípio da distribuição significa o olhar da alteridade. A referência na centralidade da localização na o primado do uno. A referência na alteridade da distribuição determina o primado do múltiplo. A localização fala de um lugar central distinto no espaço de uma periferia. Já a distribuição territorial fala da diferença na sociedade e da sociedade como diferença. Centralidade e alteridade surgem assim como os valores opostos da construção espacial das sociedades, orientando a percepção, a vivência e a concepção do espaço e das relações espaciais dos homens.

O conflito centralidade-alteridade valoriza o papel da coabitação dos princípios da regência,

de vez que “no ponto de vista geográfico, o fato de coabitação, quer dizer, o uso em comum de certo espaço, é o fundamento de tudo” (LA BLACHE, 1954:156). É o símbolo da coabitação que dirá se a contradição como tal será vivida ou então ocultada e dissolvida na estrutura geral da convivência.

A negatividade

Essa tensão de base multiplica-se em três outras formas de contradição no processo constitutivo da sociedade. E mobiliza superativamente a coabitação nesse ato.

A contradição unidade-diversidade

A contradição dos princípios da regência desdobra-se de imediato na contradição que estabelece entre a unidade e a diversidade.

O princípio da localização rege a unidade. O princípio da distribuição rege a diversidade. O princípio da localização valoriza a unidade, enquanto o princípio da distribuição valoriza a diversidade. A unidade age no sentido de internalizar a diversidade. A diversidade, no sentido de realizar-se plenamente. Então, um princípio tende a sobrepor-se ao outro, mesmo quando o objetivo é realçá-lo.

A contradição pode resolver-se no conflitamento dialético dos contrários ou na unicidade metafísica do uno. Tudo depende do modo de interferência política da coabitação.

A contradição homogenia-heterogenia

Quando não resolvida, a contradição unidade-diversidade por sua vez se desdobra na contradição homogenia-heterogenia.

O jogo de clarificação ou de ocultamento da contradição gira em torno agora do conflito da hegemonia e heterogenia: estruturado no símbolo da unidade, o espaço vira homogenia; estruturado no símbolo da diversidade, o espaço vira heterogenia. Temos, assim, homogenia e/ou heterogenia como forma de organização do espaço. O espaço da homogenia e o espaço da heterogenia escondem a contradição, igualmente. A coabitação se apresenta como mediação dos contrários.

Poucas são as sociedades que tomam homogenia e heterogenia como uma contradição estrutural da sociedade, pondo-a a ser vivida como forma de existência concreta dos homens na história.

A contradição identidade-diferença

A tensão homogenia-heterogenia desdobra-se, por fim, na contradição identidade-diferença.

A identidade surge da centralidade que emana do princípio da localização. A diferença, da alteridade que emana do primado da distribuição. A centralidade da localização produz a identidade. A alteridade da distribuição, a diferença. O princípio da localização trabalha a favor da identidade, enquanto o princípio da distribuição trabalha a favor da diferença, em suma..

Também aqui a contradição segue uma clara evidência: a sutileza da homogenia dá lugar à sutileza da identidade, suprimindo a diferença: a transparência da heterogenia dá lugar à crueza da diferença, suprimindo a identidade.

Tal como nas contradições anteriores, a coabitação se oferece como caminho dialético

Nas sociedades mais antigas, diferença e identidade coabitam um mesmo espaço de vida Nas sociedades modernas, a identidade suprime a diferença, agudizando a totalidade da tensão

(MOREIRA, 1999b). O acúmulo das tensões pela violência da ideologização do espaço, atua como um mecanismo de efeito retardado nestas sociedades, num confronto de energia e generalização intermináveis.

A hegemonia

Este leque de contradições transforma o espaço num campo de forças atravessado pela disputa surda da hegemonia.

A disputa hegemônica racha a estrutura espacial num confronto de espaço e contra-espaço, opondo, de um lado, a unidade, a homogenia e a identidade, reunidas no espaço como tal instituído, e, de outro lado, a diversidade, a heterogenia e a diferença, reunidas num contra-espaço.

O caráter da hegemonia não se pré-determina. Ao contrário do que acontece com a contradição, não há como coabitar hegemônias. A hegemonia só se resolve pela vitória de um dos dois lados da contenda.

A hegemonia é de um ou de todos, portanto. Pode ser do dominante que sujeita o dominado ou pode ser da pluralidade que cria uma sociedade sem dominantes e dominados, uma vez que ela é o resultado dos embates e correlação das forças em conflito. Pode ser o domínio da unidade-homogenia-identidade em sua afirmação de poder sobre o espectro da diversidade-heterogeneidade-diferença. Caso em que a homogenia vira hegemonia. Ou pode ser a afirmação politicamente reconhecida da autonomia e hegemonia conjunta absoluta dos coabitantes. Caso em que a heterogenia vira hegemonia.

Enquanto a contenda não se define, espaço e contra-espaço se conflitam dentro da sociedade constituída.

O recortamento

Fragmentado nas múltiplas porções de domínio da hegemonia, o espaço vira território. O espaço real da empiria.

Nas sociedades mais antigas, o recorte territorial tem a forma vaga da territorialização. O processo da ambientalização territorial não se completou ainda e o enraizamento cultural que introduz o homem simbolicamente no âmbito dos assentamentos encontra-se por consequência ainda em processamento.

Nas sociedades menos antigas e nas modernas, o nascimento do Estado e da cidade, que as inauguram e lhes são característicos, convertem a leve noção num recorte de território efetivo. Ao fixar, organizar e administrar a circunscrição de domínio do Estado, a cidade formaliza o território, injetando-lhe o conteúdo simbólico que o define no sistema da hegemonia.

O recorte do Estado moderno aparece como o enquadramento maior onde uma multiplicidade de recortes se efetua.

No plano mais amplo do Estado, o território se recorta em duplo nível: no primeiro nível, o recorte nacional, no nível abaixo, o recorte regional, ambos criaturas do valor. No nível do recorte regional, duas formas históricas se distinguem: a região homogênea, que fragmenta o espaço nacional em vários recortes, da fase da acumulação mercantil, e a região polarizada, que diferencia o espaço nacional num sistema de pólos urbano-regionais hierarquizados, homogêneos no seu todo, mas heterogêneos enquanto divisão territorial do trabalho, da fase da acumulação industrial (MOREIRA, 1999).

Dentro desses dois níveis, conflitam os recortes do espaço e contra-espaço das disputas de hegemonia.

Nas sociedades antigas mais recentes, este é um conflito que de hábito se resolve na separação física que segmenta e isola as oposições em conflito, espaço e contra-espaço ocupando extensões contíguas e distintas. Muitas vezes com apoio nos aspectos naturais do próprio território:

Aspectos físicos como os braços de mar; assim como os pântanos, os bosques espessos, os desfiladeiros, as montanhas ásperas e a neve, em uma palavra, todos os obstáculos da natureza que dificultam o ataque e facilitam a defesa, protegiam as comunidades que haviam ficado livres apesar das guerras feudais (RECLUS, s/d, tomo IV: 16)

Outras, com apoio nos laços de aliança:

Onde quer que nascessem repúblicas urbanas no meio do feudalismo, a cidade se estabelecia com maior solidez em sua liberdade municipal se se compunha uma agrupação de aldeias ou de casarios que conservavam sua personalidade como produtores, mercadores e consumidores associados. Do mesmo modo, as cidades lombardas estavam divididas em bairros autônomos. Siena se fez famosa na história pelas rivalidades e alianças, as inimizades e reconciliações das vinte e quatro pequenas repúblicas justapostas na grande república urbana. Ao redor da maior parte das cidades do centro e do norte da Europa, as vizinhanças constituíram outros tantos submunicípios distintos que gravitavam ao redor do grande município; em Roma, cada rua da cidade tinha sua personalidade autônoma. A antiga Londres antes da conquista normanda foi um aglomerado de pequenos grupos de aldeões dispersos no espaço fechado pelas muralhas, tendo cada grupo sua vida e suas instituições próprias, guildas, associações particulares, ofícios, unidos de uma maneira pouco sólida ao conjunto municipal (RECLUS, s/d, tomo IV: 27)

Nas sociedades modernas, entretanto, a relação se polariza num dos aspectos do par antitético, espaço e contra-espaço recortando-se por dentro numa mesma totalidade de espaço. A força do valor, penetrando e derrubando todas as barreiras ao livre trânsito das trocas, dificulta seja a coabitação consensualizada dos contrários, seja o expediente do isolamento-contiguidade como formas de encaminhamento do conflito. Espaço e contra-espaço conflitam, dessa forma, dentro de um mesmo espaço, o espaço hegemônico, a tensão se manifestando num confronto entre o espaço da ordem e o espaço da desordem, o espaço legal e o espaço proibido, o espaço explícito e o espaço oculto, modos de existir do espaço e do contra-espaço marcando a presença reativa da alteridade negada.

A escala

O entrecruzamento dos recortes transforma o espaço num jogo de escalas, Um plano complexo, entrecortado pelos domínios de hegemonia.

A escala espacial é um todo de planos cruzados. Cada recorte é um plano que faz do todo do espaço um entrecruzamento de múltiplos recortes. Nesse feixe entrecruzado, em que um nível corta o plano do outro, costurando uma trama de atravessamentos que se inicia no plano da relação mais simples e culmina na hierarquia mais ampla do grande plano, há tantos recortes e entrecruzamentos quantos sejam os planos de atravessamentos dos conflitos, o que faz da escala algo mais complexo que um simples produto espacial dos conflitos dos princípios da regência.

Jogo de escalas, o espaço é o plano de representação do olhar hegemônico (LACOSTE, 1988):

Olhar da burguesia diante do seu mundo em criação no século XV:

O grande século XV, o iniciador da civilização moderna, deve seu traço na história aos descobrimentos capitais do espaço e do tempo; do espaço, pela exploração da redondeza do globo na África e nas duas Índias; do

tempo, pela ressurreição e reparação das obras mestras da Antiguidade (RECLUS, s/d, tomo IV:3 16)

Olhar do contorno que lhe vai dando:

De todos os pontos de vista, a primeira circunavegação do mundo foi o acontecimento capital da nova era, a data por excelência que separa os tempos antigos do período moderno. Ao navegante português Fernão de Magalhães devemos a linha fundamental, o equador dos itinerários que une no seu conjunto todos os traços geográficos. Graças a ele, a Terra se constituiu cientificamente, e se fez a unidade com a história dos homens o mesmo fez na estrutura geral das formas terrestres (RECLUS, s/d, tomo IV.284-285)

Olhar, por fim, que reelha a referência da centralidade:

Durante o período em que os centros comerciais se fixaram na bacia do Mediterrâneo, Tiro ou Cartago, Bizâncio ou Siracusa, Veneza ou Gênova, a Grã-Bretanha parecia encontrar-se no extremo mais remoto da terra; seus promontórios, seus arquipélagos, voltados para as ondas do oceano tempestuoso, eram limites temidos que ninguém ousava flanquear. Porém descoberto e ultrapassado o Novo Mundo, feita a circunavegação do globo, a Terra ficou realmente redonda sob a estela dos barcos e o conjunto do mundo conhecido se deslocou em relação às Ilhas Britânicas; cessando de ser o extremo limite das terras habitáveis, a Inglaterra encontrou-se, de repente, senão no verdadeiro centro, ao menos no meio de todo o conjunto geográfico das massas continentais. Nenhuma posição lhe era superior para os intercâmbios com o mundo inteiro (RECLUS, s/d, IV.488).

As facilidades de circulação e a rapidez aumentada das viagens modificam a face da Terra, modificando as proporções entre as distâncias. Elas fornecem praticamente às zonas terrestres uma forma como que nova e novos contornos. Quando de Londres se atinge o Cabo em 39 horas e 25 minutos (recorde de fevereiro de 1939), a África do Sul parece ter-se subitamente aproximado da Inglaterra. Desses atos ressalta que a posição geográfica de certos sítios perderá, ou pelo contrário, adquirirá importância (BRUNHES, 1962:175)

A reprodutibilidade

De determinado, o espaço passa, pois, a determinante.

Criado tendo em vista criar a sociedade, o espaço vira regulação estrutural da reprodução contínua desta, reiterando-a em seus movimentos e concertos de hegemonia (LEFEBVRE, 1969; SANTOS, 1978).

O veículo é o arranjo espacial (MOREIRA, 1980a e 1980b) - arranjo econômico, jurídico-político, cultural, representacional, ideológico -, montado a partir do processo da seletividade e por fim configurado no recorte das escalas:

Toda indústria é um complexo de ações diversamente localizadas — incluindo as operações de laboratório, de estudos e de pesquisas, de controle, etc. Projeta-se no espaço por múltiplos pontos de impacto mais ou menos especializados e, sobretudo, por um feixe indispensável de relações. A condição fundamental do funcionamento de uma economia industrial é a posse e a disposição desse feixe de relações, que lembra sistemas diferentes projetados em diversas escalas, local ou regional, nacional ou internacional, no quadro das operações de vizinhança, e planetária. A escala local ou regional é a dos processos de recrutamento de mão-de-obra, de contratos de empreiteiros, de organização dos serviços de apresentação, relações públicas e, em proporções mais ou menos amplas, dos laços técnicos com a produção de energia e de certas matérias-primas. A escala nacional e internacional, nos limites da vizinhança, é a dos mercados essenciais, das relações técnicas superiores, das negociações de cúpula. A escala universal é a da emulação no nível mais elevado, dos grandes mercados de matérias-primas, das concorrências mais severas, e também de certas operações monopolísticas (GEORGE, s/d: 105)

A mobilidade

A reprodutibilidade contraditoriamente desemboca na mobilidade do arranjo do espaço.

Mobilidade dos homens, das plantas e dos animais, mas também de produtos e capitais. Mobilidade que troca os sinais da distribuição dos cheios e vazios numa reconfiguração do espaço. Mobilidade que mina a territorialização e ambientalização do enraizamento cultural da sociedade longamente plantado pela prática do processo seletivo.

O veículo é o avanço técnico da circulação.

No passado, “o viajante que atravessasse a França, encontrava alternativamente uma vila de simples descanso ou uma cidade de completo repouso: a primeira bastava ao pedestre, a segunda convinha ao cavaleiro”, de vez que “o ritmo das populações, a cadência natural calcada na marcha dos homens, dos cavalos e das carruagens” marcava o movimento do espaço (RECLUS, s/d, tomo IV:366).

Com o advento da indústria, o processo se acelera, dada a revolução conjuminada dos transportes, dos meios de comunicação e do sistema de transmissão de energia, entrecruzando homens, plantas, animais e valores pelas diferentes distribuições de arranjos.

Uma relação contraditória. Se de um lado instrumenta a reprodução da hegemonia estabelecida, a expansão técnica da circulação (“o triunfo definitivo do homem sobre o espaço”, no dizer de Sorre) de outro lado remexe com o recortado das suas escalas.

A urbanização

A urbanização é manifestação mais clara da mobilidade do espaço. De certo modo, por ela começa, daí generalizando-se para todo o arranjo.

Durante séculos a paisagem rural foi o quadro constitutivo da arrumação geográfica típica das sociedades. A evolução técnica e dos intercâmbios quebra a tradição e libera para a mobilidade os grupos humanos por longo tempo presos aos seus territórios. Então, os homens migram, trocam de lugares. E tudo lentamente se urbaniza, invertendo os cheios e vazios das velhas arrumações do espaço.

A relação cidade-campo troca de posições, num retraçamento do desenho dos cheios e vazios da distribuição espacial dos homens, que altera a forma ao mesmo tempo que infunde novo conteúdo ao espaço.

Em parte alguma, nestes dois últimos séculos, a Europa viu um mais rápido crescimento de população. Coincidiu, como efeito e causa, com o desenvolvimento da grande indústria e dos grandes aglomerados urbanos... Uma enorme procura de gêneros alimentícios foi o resultado dessa revolução demográfica. Não só os produtos do mundo inteiro foram drenados para os portos de aprovisionamento, mas um extraordinário impulso foi dado in situ às culturas que o clima favorecia e as exigências dos habitantes reclamavam. Por exemplo, a batata serviu no século XVIII para a colonização de uma parte da Prússia; e hoje torna possível a existência de pequenos grupos de cultivadores no seio das regiões árticas. Pode-se, pois, seguir nos nossos dias uma evolução que se propaga na Europa setentrional e de lá se comunica a outras regiões em virtude da analogia de condições gerais. Outrora, graças às transformações que se verificaram após a conquista romana, o trigo, a vinha e outras culturas do sul beneficiaram de nova expansão que as levou para o norte, até aos seus extremos limites. O cristianismo, por sua vez, contribuiu para as difundir; a vinha conquistou, ainda para norte, um terreno que não pode conservar, e foi só no fim do século XII que a cultura do trigo atingiu a Noruega. Da mesma forma, assistimos hoje à propagação de um tipo de alimentação que teve origens longínquas, mas cujo desenvolvimento é recente. Neste regime, a batata, e bens assim as culturas propícias à criação de animais domésticos, a carne de boi e os laticínios desempenharam a sua função capital. As estatísticas confirmam esse movimento. Na Finlândia, enquanto nestes

últimos anos se manifestou uma sensível diminuição nas velhas culturas da cevada e do centeio, verificou-se um aumento considerável da batata e da aveia. A Dinamarca, a Suécia meridional, a Finlândia e os Países Baixos tornam-se produtores e exportadores cada vez mais ativos de manteiga e de queijo; bem assim a Sibéria ocidental, o Canadá e, talvez no futuro, o sul do Chile, pois o consumo destes produtos cresce sem cessar, e não apenas nos países onde são uma cultura natural, mas por toda a parte onde aumenta e se multiplica a vida urbana; a produção do leite e o desenvolvimento das cidades aparecem como dois fatos sincrônicos e conexos. Causas geográficas e sociais convergem para um resultado comum (LA BLACHE, 1954: 384).

A redistribuição campo-cidade que urbaniza o espaço e a sociedade segue três fases: na primeira, a indústria despovo os campos; na segunda, a indústria domina e impregna a cidade com suas relações fabris; por fim, na terceira, a indústria extrapola a cidade e invade o campo para urbano-industrializá-lo.

O continente europeu é um exemplo conspícuo dessa movimentação:

Até o final do século XVIII, as regiões mais povoadas ofereciam, num mapa de repartição, um pouco a mesma imagem que o Extremo-Oriente de hoje (com densidades médias menos elevadas). Notava-se, com efeito, a mesma combinação sistemática de densidades rurais regulares e de uma rede de centros urbanos regularmente dispostos... Na Europa Ocidental, a partir dos primeiros anos do século XIX, a população urbana começa a crescer muito mais depressa que a dos campos. Estes atingiram sucessivamente um máximo de população, depois começaram a esvaziar-se. Os centros urbanos multiplicaram-se e hierarquizaram-se. O crescimento das grandes metrópoles provoca as alterações no conjunto do mapa da população... Na mesma época, os Estados Unidos conhecem uma transformação análoga... No Canadá, na Austrália, na Argentina a evolução também se processa nesse sentido (CLAVAL, 1987: 18).

Movimentação que rapidamente se transcontinentaliza, levando para o mundo o conteúdo do espaço:

De 1821 a 1915, cerca de 29.000.000 de europeus atravessaram o Atlântico para se instalarem nesses novos países... Este volume de homens lançado pelos paquetes da Europa no continente americano, não se dispersou ao acaso; não se esfarelou, como sucedeu outrora com os caçadores franco-canadenses, numa poeira espalhada pelos vastos espaços. Mas se foi canalizando em algumas correntes principais segundo uma progressão regular, de tal maneira que o centro de gravidade da população não deixou de deslocar-se no sentido de leste para oeste, isso aconteceu por mercê dos caminhos de ferro. Estes serviram de veículo à colonização. Quanto mais se afastava das costas, avançando na direção do interior para além de toda a estrada construída, mais a locomotiva exercia uma ação exclusiva, tornando-se autocrata. Dava ao solo que atravessava, ou do qual se aproximava, o único valor que podia fazê-lo apreciar nestes países novos, o de um capital produtor de comércio. A miragem que atrai para essas regiões novas uma vaga humana sem cessar renovada, não é já a das minas de metais preciosos, mas a dos produtos e salários a que se dá azo uma vida comercial intensa. Não se trata já de viver miseravelmente de uma terra avara, de consumir a energia num trabalho ingrato, mas sim de, após haver tirado de uma terra quase virgem um produto fácil, transformá-lo rapidamente numa riqueza circulante: a colheita logo transformada em cheque. Esta riqueza não pode nascer senão ao contato do carril. Este vivifica tudo quanto atinge (LA BLACHE, 1954: 335).

A compressão

A urbanização aproxima e comprime os espaços.

O recobrimento técnico que instrumenta a mobilidade urbana altera rapidamente a relação do tempo e do espaço, reduzindo as distâncias e aumentando a conexão entre os lugares.

No início do século, era pelo meio ainda precário da correspondência que o capital tecia seu domínio e hegemonia. No então,

(o capital se vale de) imensa teia de aranha por meio do qual estende seus fios sobre toda a superfície da Terra através de uma união postal universal para o transporte de cartas e documentos através dos continentes e mares, impressos e papéis de negócios, de amostras de comércio, e, por último, para o pagamento de pequenas quantidades de dinheiro (RECLUS, s/ d, tomo IV:306).

Desde então, formas de circulação mais eficazes aparecem.

Num plano, é a rede técnica dos transportes:

As velhas carretas de bois, que levavam sete a oito semanas entre as montanhas Rochosas e o Mississipi, num percurso de 2.000 quilômetros, são agora substituídas pelo trem, que leva menos de uma semana para realizar a travessia costa a costa (LA BLACHE, 1954: 311).

Noutro, a rede da comunicação dos sons, das ordens, das idéias:

O aumento da velocidade e da frequência de viagem por terra, mar e ar não teria sido possível sem a transmissão quase simultânea do pensamento através do espaço a enormes distâncias. Acrescente-se a isto, a possibilidade de transmissão do registro de ordens à distância e a sua execução ao encargo de máquinas automáticas. O aperfeiçoamento dos métodos de cálculo balístico se conjuga com a construção de aparelhos eletrônicos para tornar possível a teleguia a enormes distâncias (SORRE, 1967:155)

Noutro, ainda, a rede técnica de transmissão de energia, tornando

... possível a interconexão de mananciais de energia elétrica, qualquer que seja sua origem, permitindo sua utilização racional, seja qual for a hora, ao tempo que a estação iguala as condições de espaços imensos (SORRE, 1967:112)

A fluidificação

O espaço então se fluidifica.

Um jogo de fixo e fluxo invade o desenho das fronteiras, desmonta seus limites e dissolve seus recortamentos.

De início, localização e distribuição significaram criação de espaços fechados. Tudo está preso ao estado limitado dos meios de comunicação e transporte. O poder de locomoção é restrito e seu raio de alcance territorial diminuto. As informações de um lugar demoram para chegar a um outro. A fluidez dos intercâmbios é mínima. É o tempo-espaço das sociedades antigas.

Depois, localização significa (re)distribuição dinâmica. Fluxos de movimentação crescente, primeiro das trocas, depois dos homens e por fim dos dados, dissolvem o arranjo dos espaços lentos, reorientam a seletividade e interagem fortemente os lugares, criando o tempo-espaço das sociedades modernas.

O ente geográfico dinâmico da transição por excelência é o papel central crescente da cidade. O crescimento polar da cidade significa pôr fixo e fluxo num conflito, fixo das manchas das culturas a pastagens da paisagem rural e fluxo dos meios de circulação emanados da cidade, conflito que empurra para frente a mobilidade dos arranjos.

Apoiada na circulação crescente dos transportes, das comunicações e da transmissão da energia, a fluidificação relativiza a distribuição dos lugares, desmonta a centralidade fabril, elimina as regionalidades (a homogênea e a polarizada) e valoriza a verticalidade que articula o espaço nodoso da rede (MOREIRA, 2000).

O ponto efetivo de partida é a mobilidade da fábrica. De início, a fluidez fabril é lenta. A

tiraniam do carvão encerra a localização da indústria e da cidade em limites ainda rígidos. O advento da energia da eletricidade e do petróleo em seu uso industrial multiplica e dissemina rapidamente a fábrica, amplia a intensidade da produção e das trocas e diversifica largamente a trama da circulação do transporte, tecnificando o espaço numa escala de generalidade crescente:

Os países industriais são cada vez mais sulcados pelos elementos de uma estrutura de ligações técnicas, que intervêm mais ou menos diretamente no país: vias de circulação e de transporte que ocupam, nos centros industriais e nas regiões de grande concentração de indústrias, “impérios” muito extensos (estradas de ferro, estações de triagem, vias fluviais e portos interiores, auto-estradas com os seus viadutos, pátios de estacionamento, heliportos, aeroportos com as suas vias de acesso e seus serviços técnicos), linhas de transporte de energia, oleodutos, gasodutos, canalizações de água, rede de evacuação das águas servidas e dos resíduos (GEORGE, s/d: 107)

Símbolos da fluidez espacial da revolução industrial avançada (o capitalismo tardio de Mandel, Lefebvre e Soja), o telefone e a televisão (e cedo o computador) se somam ao caminhão, o automóvel, o avião (deixando para trás o trem e o navio, símbolos velhos da fluidez), transformando o recortado dos territórios no traçado do espaço liso.

Então, tudo fala de fluxo: fluxo de pessoas (“... à diferença da população agrícola, a população industrial é móvel...”), mas igualmente “de pensamentos, de ordens, de informações, veiculadas por correntes invisíveis de correspondência telefônica, telegráfica, radiofônica”, bens imateriais e eminentemente subjetivos:

Já não são tanto os fatores de caráter propriamente industrial, no sentido que se lhes atribuía há cinquenta anos, que determinam as escolhas das implantações, mas os equipamentos culturais, científicos e sociais. (Isto é), equipamento universitário e científico, equipamento socio-cultural, equipamento para lazeres (GEORGE, s/d. 108).

O hibridismo

O híbrido domina o espaço.

A reunião num lugar das práticas espaciais de outros lugares pela fluidez do espaço liso, faz do lugar um híbrido. Cada lugar contém todos os lugares (SANTOS, 1996), incorporando uma mescla que aproxima o conteúdo dos seus espaços:

pelos padrões de consumo:

Os transportes multiplicados, melhorados, facilitados, tendem a mesclar, mais e mais, tudo o que consomem os homens... Hoje o camponês de nossas regiões come e bebe café, chá e chocolate, açúcar e batatas, tantos produtos que eram, há apenas dois séculos, produtos de luxo e desconhecidos; está tão adaptado a estas bebidas e alimentos que mal se lembra do fato de serem quase inovações” (BRUNHES, 1962:49).

pelos contrastes da paisagem:

Na paisagem os contrastes sociais transparecem; aqui, as quintas opulentas dos grandes exploradores, acolá, as cabanas minúsculas dos assalariados que têm apenas os braços para oferecer e nada para se defender (CLAVAL, 1987: 49).

pelo movimento do cotidiano:

O transporte por automóvel transformou a paisagem da estrada. Nas vias de comunicação, o incessante desfile dos caminhões pesados que passam pelas pontes, a fila de automóveis que se adiantam uns aos outros na pista, produzem uma espécie de vertigem. De trecho em trecho, os postos de gasolina se escalonam, com suas bombas e anúncios. Ao anoitecer, o fulgor dos faróis, a centelha das lâmpadas, rasga a escuridão (SORRE, 1967: 143).

A sócio-densidade

Fluido, liso e híbrido, o espaço socialmente se adensa.

Um conteúdo social crescente impregna a essência do espaço, na medida que aumenta a densidade técnica, simbólica, econômica, política, cultural que dão vida e organizam a sociedade através das práticas espaciais, mudando sua natureza ontológica:

A formação do ecúmeno, com seus contrastes, a constituição dos núcleos de densidade em circunstâncias físicas extremamente variáveis, apóia-se no domínio do mundo vivo e na ordenação do universo material graças ao progresso das técnicas. Num primeiro momento, a preocupação é a satisfação das necessidades primordiais a expensas dos reinos animal e vegetal. Porém, à medida que as atividades se racionalizam, que as técnicas se afirmam, incorpora-se à matéria uma quantidade crescente de inteligência (SORRE, 1967: 52).

O tecido do espaço socialmente se espessa. E suas tensões estruturais aumentam. Assim, quanto mais denso, mais tenso.

Denso, então, não é mais o que se mede pelo critério da quantidade, mas pelo da diversidade qualitativa do tecido espacial. A baixa densidade quantitativa de homens, produtos e signos dá lugar a uma alta densidade qualitativa das relações de todos os tipos, mesmo ali onde o índice da quantidade permaneceu baixo, e vice-versa, combinando baixa densidade quantitativa e alta densidade qualitativa, num sentido mais de conteúdo que de forma da troca dos cheios e vazios dos espaços.

A mudança ontológica do espaço que assim se estabelece, reproduz-se no conteúdo e essência de todas as práticas, a partir da seletividade, mudando a ontologia da cultura em sua relação de enraizamento com o território e o ambiente, tornados sociais.

Nas sociedades ainda não transformadas pela indústria, o tecido espacial tem a espessura dos modos de vida baseados nos *habitats* mais simples. A estrutura espacial é o elenco dos poucos elementos dos complexos: alimentar, da habitação, dos caminhos, dos utensílios, das armas, do vestuário, complexos ligados às necessidades vitais e básicas da sociedade rural. A espessura de umas poucas relações sociais faz a densidade fina.

A chegada da indústria dá outra espessura ao espaço, recriando-o num outro plano de forma e conteúdo: a divisão territorial do trabalho industrial é sua ossatura, a rede das trocas sua forma e a mediação técnica seu metabolismo.

O *habitat* industrial se revela na paisagem:

A indústria toma a dianteira à agricultura e à pecuária como princípio de concentração da população, como fator de densidade. Produzem-se transpassos de atividades que determinam uma revolução nas formas dos habitats (SORRE, 1967:52).

Paisagem mutante. Como num movimento cinematográfico, a paisagem do movimento lento:

... manchas de contornos bastante regulares e como o que definidos, de nuances variáveis de acordo com as estações do ano, ora de cor branda da terra nua ou da cor quente e forte da terra trabalhada, ora o verde doce do capim novo, o amarelo escuro de espigas maduras, ou o branco ofuscante das flores de cerejeira ou das fibras do

algodão, manchas que correspondem às partes da superfície em que o solo foi sulcado, revolvido ou gradado (SORRE, 1967:57).

dá lugar à paisagem das mutações aceleradas:

... a facilidade e a rapidez dos transportes levaram, em toda a parte, à transformação dos hortelãos em especialistas do cultivo de produtos temporões, no sentido de que todos os produtos vão dependendo cada vez mais do dia e até da hora em que podem chegar aos grandes mercados. Assim trata-se de uma rivalidade constante, exercendo-se entre todas as regiões de nossos territórios cultivados; os mercados urbanos, de grande consumo, - o de Paris mais do que qualquer outro — procuram obter todos os legumes e frutos escolhidos da forma mais contínua e possível (SORRE, 1967:238)

até que a mudança se radicaliza:

A forma americana propriamente dita de paisagem rural é a da Pradaria, dividida em grandes unidades para a cultura maciça e extensiva do trigo pelas companhias de estradas de ferro canadenses e pelo governo federal e Estados de Minnesota, Dakota do Norte e do Sul e Montana, nos Estados Unidos, que introduziu uma estrutura excepcional de habitat disperso a grandes distâncias intercalares entre as fazendas e grupos de fazendas, preparando, antes que eles existissem, uma paisagem rural animada pelo automóvel, pelo trator e pelas grandes máquinas de amanhã da terra. O rigor da divisão da planície em tabuleiro, resultante da operação cadastral inicial, a interminável perspectiva das estradas em linha reta, que se cruzam em ângulos de noventa graus, as fazendas a vários quilômetros de distância uma da outra, com as suas caixas postais e os seus abrigozinhos na estrada, que servem para que neles depositem as suas encomendas os comerciantes itinerantes, a implantação, nos cruzamentos principais, de pequenos centros de serviço, como escritório administrativo e escola, são os termos concretos expressivos de uma concepção absolutamente particular das relações entre o homem e a terra e da vida cotidiana do farmer. E, assim mesmo, é preciso recolocar essa paisagem rural e esse quadro de vida em seu tempo de criação para perceber-lhe toda a originalidade. A estrada, o automóvel, o telefone, o rádio e a televisão estreitaram progressivamente os laços entre os farmers e o mundo exterior; de menos de meio século a esta parte (GEORGE, s/d: 55-56).

A (re)estruturação

Socialmente transformado, o espaço reestrutura-se.

A construção geográfica das sociedades é um processo dinâmico. A paisagem por seletividade se monta, seu arranjo por agregação de práticas se estrutura e esta armadura ganha peso e movimento, até que um ciclo de reestruturação a refaz. Então, ao fim e ao cabo, “todo o equilíbrio espacial da sociedade encontra-se modificado”.

Trazendo o significado de uma relação sociedade-espço de tipo novo, a reestruturação valoriza

... fontes de riqueza latentes que, sem ela, passariam inadvertidas. Ela atrai a técnica, os capitais, as energias humanas; ao próprio tempo que, pela reavaliação dos produtos, faz entrar estas riquezas no ciclo geral da economia; fixa grupos humanos no solo ali onde não havia nada em definitivo; e cria um novo conceito de ecúmeno (SORRE, 1967: 57).

Três momentos de reestruturação se deram desde o Renascimento, relacionadas ao peso crescente da indústria na constituição do sentido social crescente do espaço (MOREIRA, 1998, 1999 e 2000).

O primeiro, é o momento da transição da manufatura para a fábrica. Marcam-no a mobilidade das plantas e animais que as grandes navegações entrecruzam pelos continentes, a

organização matricial da sociedade na região homogênea, a formação espacial centrada nas grandes praças de mercado da Europa:

Há mercados em Londres ou em Paris que contêm mais riquezas que as que levavam todas as caravanas do passado e se vendia em todas as feiras do mundo; cada dia os trens das vias férreas fazem entrar nas cidades mais clientes que os que podiam reunir-se em Bucareste, Leipzig ou Novgorod. A rede das ferrovias, dos telégrafos e dos telefones vibra constantemente para transportar mercadores e transmitir suas ordens de cidade em cidade e de continente em continente (RECLUS, s/d, tomo IV.365)

O segundo, é o momento da centralidade fabril. Marcam-no a mobilidade da circulação técnica (primeiro da ferrovia e depois da rodovia e da navegação aérea, a par do telégrafo e da telefonia), a organização matricial da sociedade na região polarizada, a formação espacial centrada nas grandes praças da indústria:

O progresso agrícola realizado desde meados do século XVIII na Inglaterra, a vitoriosa expansão da indústria em pleno século XX, destruiu o equilíbrio do mundo rural. Na Europa Ocidental afetou profundamente em sua supremacia, em sua estrutura e em seu espírito. O movimento vai se estendendo nela a todos os países de civilização industrial, e se propaga aos demais. Algumas cifras revelam as mudanças produzidas na distribuição do emprego desde 1850. Não cabe dúvida de que os progressos científicos dos sistemas de cultivo, ao provocar uma maior produtividade, se traduzem, correlatamente, em um desemprego tecnológico. Por fim, duas coisas são afetadas ao mesmo tempo: o tipo de povoado rural que evolui para a urbanização e a mentalidade camponesa que evolui para a do operário industrial (SORRE, 1967:99)

O terceiro, por fim, é o momento da desterritorialização que dissolve e remonta a centralidade do espaço. Marcam-no a prioridade da informação, a organização matricial da sociedade em rede, a formação espacial globalizada onde a facilidade da comunicação resolve um simples problema de compras:

A facilidade de comunicação proporciona ao cliente a possibilidade de escolher entre o mercado periódico, o armazém local e o shopping da grande cidade. A criação de grandes lojas, estabelecimentos de preço único, comércio com múltiplas sucursais, aumenta as tentações, as incitações às compras. Um número maior de pedidos diretos, as encomendas à base de catálogos por telefones ou por correspondência, reduziram o representante. A publicidade em todas as suas formas exerce uma poderosa ação nas áreas de venda (SORRE, 1967:175)

Em cada um desses momentos, as fases constitutivas da construção espacial da sociedade (da montagem, do desenvolvimento e do desdobramento) recomeçam, os cheios e vazios da distribuição se remapeiam e os esquemas de reprodutibilidade se recriam, iniciando uma nova era de espaço. Por hipótese, comanda o movimento a redefinição dos grandes arcos de hegemonia (MOREIRA, 1998b).

AS CATEGORIAS ESPACIAIS DA CONSTRUÇÃO GEOGRÁFICA DAS SOCIEDADES

Resumo: As práticas espaciais são a base da organização geográfica das sociedades. O resultado da acumulação dessas práticas espaciais é um tecido espacial cada vez mais denso, móvel, fluido e liso, que determina a estrutura geográfica complexa que a sociedade vai adquirindo no tempo.

Palavras-chaves: Práticas Espaciais. Construção das Sociedades. Re-estruturação espacial.

THE SPATIAL CATEGORIES OF THE GEOGRAPHICAL CONSTRUCTION OF SOCIETIES

Summary: The spatial practices are the basis of geographic organization of societies. The result of the accumulation of this spatial practices is a spatial tissue successively more dense, movable, fluid and smooth that determines the complex geographic structure of the society in time.

Keywords: Spatial Practices. Society Construction. Spatial Re-structuration.

BIBLIOGRAFIA

- BRUNHES, Jean. (1962): *Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura
- CLAVAL, Paul. (1987): *Geografia do Homem*. Lisboa: Livraria Almedina
- GEORGE, Pierre. (s/d): *A Ação Humana*. São Paulo: Difel
- HARVEY, David. (1990): *Los Límites del Capitalismo y la Teoría Marxista*. Mexico: Fondo de Cultura Económica
- LA BLACHE, Paul Vidal. (1954): *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Edições Cosmos
- LACOSTE, Yves. (1988): *A Geografia – Isso Serve, em Primeiro Lugar, Para fazer a Guerra*. São Paulo: Editora Papirus
- _____ (1989) Braudel Geógrafo, in: *Ler Braudel*. São Paulo: Editora Hucitec
- LEFEBVRE, H. (1969): *A Re-Produção das Relações de Produção*. Lisboa: Publicações Escorpião
- LOBATO, Roberto. (1995): Espaço: um conceito-chave da geografia, in *Geografia: Conceitos e Temas*. CASTRO, Iná Elias et al. (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Editora
- MARX, Karl. (1974): O Método da Economia Política, in *Contribuição Para a Crítica da Economia Política*. Lisboa: Editorial Estampa
- MOREIRA, Ruy. (1980a): O Espaço do Capital: a reprodução capitalista do Espaço, in *O Que é Geografia*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____ (1980b): A Geografia Serve Para Desvendar Máscaras Sociais, in *Geografia: Teoria e Crítica (O saber posto em questão)*. Rio de Janeiro: Editora Vozes
- _____ (1993) *Espaço, Corpo do Tempo (A Construção Geográfica das Sociedades)*, tese de doutoramento, USP, texto digitado.
- _____ (1997): Da Região à Rede e ao Lugar (A nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo), in *Revista Ciência Geográfica*, no. 6. Bauru: AGB-Bauru.
- _____ (1998): O Tempo e a Forma (A sociedade e suas formas de espaço no tempo), in *Revista Ciência Geográfica*, ano IV, no. 9. Bauru: AGB-Bauru
- _____ (1998b): Desregulação e Remonte no Espaço Geográfico Globalizado, in *Revista Ciência Geográfica*, ano IV, no. 10. Bauru: AGB-Bauru
- _____ (1999): O Paradigma e a Ordem (Genealogia e metamorfoses do espaço capitalista), in *Revista Ciência Geográfica*, ano V, no. 13. Bauru: AGB-Bauru.
- _____ (1999b): A Diferença e a Geografia (O ardil da identidade e a representação da diferença na Geografia), in *Geographia*, revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, no. 1, ano 1, Niterói: UFF
- _____ (2000): Os Períodos Técnicos e os Paradigmas do Espaço do Trabalho, in *Revista Ciência Geográfica*, ano VI, no. 16. Bauru: AGB-Bauru.
- RECLUS, Elisée. (s/d): *El Hombre y La Tierra*. 6 volumes. Barcelona: Casa Editorial Maucci
- SANTOS, Milton. (1978): *Por Uma Geografia Nova (Da crítica da geografia a uma geografia crítica)*. São Paulo: EDUSP/Hucitec
- _____ (1996): *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Editora Hucitec
- SARTRE, Jean-Paul. (1967). *Questão de Método*. Difel. São Paulo.
- SORRE, Max. (1967): *El Hombre en la Tierra*. Barcelona: Editorial Labor S/A.